

APRESENTAÇÃO

PABLO QUINTERO¹

EDITOR

<http://orcid.org/0000-0003-4111-9895>

O novo número da revista *Espaço Ameríndio*, que inaugura o ano de 2022, apresenta um total de 9 textos originais, produto do trabalho de autoras/es de diversas instituições e regiões diferentes do Brasil e do exterior – mais especificamente da Colômbia e da Espanha. Constituem os trabalhos deste número: sete artigos, um ensaio bibliográfico e uma resenha. Todos os textos de qualidade que, em cada uma das suas seções, desenvolvem temáticas que vão desde cosmologias, mitos e histórias indígenas até movimentos políticos, lideranças e reivindicações territoriais indígenas, passando por estudos sobre educação intercultural (como é já habitual na revista).

Antes de passar a apresentar os textos que compõem este número da revista, é necessário agradecer a todas/os as/os autores que submeteram seus artigos a este número, assim como as/os pareceristas que doaram seu tempo para avaliar os textos. Agradecemos também, com afeto, à equipe que fez possível este número. Começando pelo trabalho editorial, sempre excepcional, de Guilherme Sant’Ana na revisão e diagramação dos textos, seguido pelo trabalho de confecção da capa de Jessica Nunes da Silva a partir de um detalhe da obra de Bane Huni Kuin, integrante do "Mahku" – coletivo de artistas Huni Kuin –, a quem agradecemos o privilégio de poder ilustrar este novo número da *Espaço Ameríndio* com um fragmento da sua magnífica obra.

* * *

O importante artigo de Rogério da Rosa, intitulado *Jaxy e Jaxy Jaterê: o ponto de vista Guarani e de outros povos ameríndios sobre a origem da lua, as constelações e o Saci Pererê (Primeira Parte)*, abre tanto este número da revista quanto a seção de artigos. O texto é a primeira entrega de um trabalho mais abrangente dividido em duas partes que se interessa por explorar, a partir de um vasto material etnológico, a figura

¹ Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, e Coordenador do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). E-mail: pablo.quintero@ufrgs.br

heterogênea do “Saci” como elo central de configurações cosmológicas e mitológicas que fundamentam uma “astronomia cultural” ameríndia, especialmente Tupi-Guarani. A segunda parte do trabalho de Rosa, que avança tanto temática quanto argumentativamente, será publicada no próximo número da revista, em Agosto deste ano.

O texto seguinte, *Ñanduti: história e lendas de uma prática cultural do povo paraguaio*, de autoria de Dayse Centurion da Silva e Gilberto Luiz Alves, analisa uma dinâmica econômico-cultural denominada “Renda Ñanduti”, que produzida por mulheres paraguaias desde a própria configuração histórica dessa formação social nacional representa uma das práticas artesanais mais significativas da América do Sul. O artigo analisa tanto o surgimento como as transformações que ao longo do tempo tem sofrido esta dinâmica de produção de artesanato, valendo-se, para tanto, de importante material etnográfico, que focaliza, também, os processos técnicos envolvidos na produção do artesanato.

Em *“Sou igual Jabuti, vou botando ovo aqui e ali”*: um ensaio sobre liderança e mobilização indígena, Amilcar Jimenes apresenta uma análise das narrativas que têm como foco a figura de Sebastião Castilho Gomes, importante liderança do povo Kokama que tem sido central nas mobilizações indígenas (e em geral à política indígena) em Manaus/AM. O artigo de Jimenes não reconstrói depoimentos da própria liderança, senão, antes, compõe uma paisagem de sua figura através de outros interlocutores, analisando também os alcances, limites e desafios das práticas políticas do líder Kokama, em contexto com as (im)possibilidades estruturais de tais práticas e mobilizações.

Na sequência, Fabricio Lyrio Santos no seu artigo intitulado *Conflitos pelas terras indígenas no contexto do Diretório: o caso da aldeia de São Pedro do Porto da Folha em Sergipe*, realiza um importante estudo de antropologia histórica que tem como cenário o período de vigência do governo colonial sobre as populações indígenas no Brasil conhecido como *Diretório dos Índios* durante o século XVIII. O caso tratado pelo autor refere-se aos diversos conflitos territoriais (e jurídicos) acontecidos a partir de 1790 envolvendo a aldeia de São Pedro do Porto da Folha no atual Sergipe, e relaciona-os tanto a já mencionada política colonial como ao sistema de aldeamentos indígenas.

O quinto artigo da seção, *Os povos indígenas do Opará e a educação intercultural: uma etnografia crítica*, de Roberto Remígio Florêncio e Pedro Rodolpho Jungers Abib, apresenta os resultados de uma pesquisa etnográfica, com uso importante de entrevistas, realizada entre 2018 e 2021 na região semiárida de Pernambuco entre o povo Truká. O artigo se interessa especificamente por analisar as práticas pedagógicas interculturais mobilizadas por professoras e professores indígenas dentro do contexto da Educação Escolar Indígena, destacando a centralidade da língua (e das perdas linguísticas) no processo e apontando para a necessidade prática de criar e/ou ampliar as políticas públicas para a permanência escolar da população indígena.

Continuando com a temática, o texto de Beatriz Osorio Stumpf e Luanda Rejane Soares Sito, intitulado *“Toda a história estava na língua”*: reflexões sobre línguas e linguagens em licenciaturas indígenas de Brasil

e *Colômbia*, aborda criticamente a trajetória de duas décadas de implementação de algumas das licenciaturas indígena na América Latina, centralmente no Brasil e na Colômbia. A partir deste marco comparativo, o estudo das autoras, baseado em depoimentos de professoras e professores destes programas de ensino, interessa-se por destacar a centralidade dos processos linguísticos e suas complexidades dentro das políticas e práticas educativas indígenas, plurilíngues e interculturais.

Concluindo a seção de artigos, o texto *Afinal, somos todos iguais? A invisibilidade da temática indígena no ambiente escolar* das autoras Beatriz Cristina Possato, Juliana Pereira dos Santos e Luanne Passos Nunes, reflete sobre a implementação de um projeto intercultural no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, na mão do grupo Sabuká, coletivo de jovens Kariri-Xocó. O artigo se debruça na descrição analítica da experiência citada como uma forma de troca de saberes e de realização pragmática da Lei 11.645/08, e, nesse mesmo sentido, de combate ao eurocentrismo e aos estereótipos sobre os povos indígenas.

Dentro da seção Ensaio Bibliográfico, este número da *Espaço Ameríndio* contém o trabalho *Programa de formação em governança territorial indígena: experiências na Pan-Amazônia* de Roseline Mezacasa, Maria Lucia Cereda Gomide e Ana Carolina Vitorio Arantes. O texto promove um balanço crítico sobre o programa de título homônimo levado a cabo nos anos de 2017 e 2018 em quatro países amazônicos (Brasil, Colômbia, Equador e Peru), que teve como objetivo impulsar formas de autonomia e autogoverno em diversas comunidades indígenas dos supracitados países. O texto está centrado especificamente na edição deste programa ocorrida na TI Rio Branco, no Estado de Rondônia.

Finalmente encerra este número a resenha *A Migração Warao para o Brasil na sua totalidade: mobilidade migratória e modos de gestão* de Pietro Bueno Longoni e Augusto Leal de Britto Velho, baseada no importante e recente livro da antropóloga Marlise Rosa intitulado *A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e Belém-PA*.

Como é costume, desejamos uma proveitosa leitura dos textos, com a esperança de que possam contribuir à reflexão epistemológica e política profunda.